

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora

Class.: KSR 00548

Data: 31.01.83

Pg.: _____

Briga de caciques

170
Conflito foi previsto pela Anai. Funai estava avisada

A p e s a r d e o procurador-geral da Funai (Fundação Nacional do Índio), Afonso Augusto de Moraes, ter definido o desenlace da luta pelo poder na reserva da Guarita de um "final feliz", o ex-presidente e atual conselheiro da Associação Nacional de Apoio ao Índio (Anai), Assis Hoffmann, crê que felicidade não é propriamente o clima que marcará os próximos dias da área. Por sinal, a divisão do poder entre os dois caciques consagrada pela Funai, sequer surpreende, pois foi prevista e fazia parte de uma série de comunicados encaminhados desde que a Anai foi fundada, há cinco anos.

"O conflito nessa Reserva, que é a maior das sete áreas indígenas que sobraram das 14 originais", diz Assis, "vem de muito tempo. Já havíamos denunciado à Funai que a liderança ali, ainda no tempo em que Sebastião Alfaiate era cacique, era corrompida, porque protegia os interesses dos brancos, dos agricultores que arrendam terras na Guarita ilegalmente".

O conselheiro da Anai ressalta que enquanto a direção da reserva cuidava de interesse de meia dúzia de índios, a Funai "não atuava como devia, a ponto de certa vez o chefe do Posto da Guarita ter sido surrado pelos índios. O mais grave de tudo é que, cada vez mais, os índios estão desaculturados, voltando seus interesses ou para a ilegal venda de madeira ou para o arrendamento de suas terras aos brancos".

No recente episódio da divisão de liderança da Guarita, localizada entre os municípios de Miraguaí, Tenente Portela e Redentora, frisou Assis, "ficou claro o trabalho

eminentemente político da Funai". Se a Fundação quisesse realmente resolver a situação, deveria fortalecer a verdadeira liderança da Reserva, não admitir sua divisão, como ficou claro. Para o conselheiro da Anai, contudo, isso não surpreende, porque o verdadeiro lema da Funai é "integrar para desintegrar". A questão preocupa Assis Hoffmann porque está em jogo a sorte dos 12 mil índios existentes no Rio Grande do Sul. Neste sentido, como pode ter crédito uma Funai que serviu-se como mediador no último incidente registrado na Reserva da Guarita de seu funcionário, Lídio de La Beta, "um dos maiores ladrões de madeira da Guarita e que saiu de Nonoai para o Mato Grosso, sob o peso de um processo por roubo de madeira?", perguntou ele.

"Todas as incoerências que marcam a relação índios-Funai no Rio Grande do Sul, serão denunciadas a partir de agora com renovada força pela Associação". Esta, explica Assis, viu-se esvaziada a partir da existência da abertura política, porque muitos de seus militantes ligaram-se a partidos políticos e passaram a defender outras áreas de interesse.

Passadas as eleições contudo, a luta começa. Mesmo porque o 15 de novembro acabou elegendo Mário Juruna para deputado federal. Para o conselheiro da Anai, "a posição de Juruna", por mais criticada que seja, "é correta, porque a partir de agora ele vai ter espaço para falar". Aliás, o que os defensores do índio pregam, conclui, "é que ele tem que buscar seu próprio caminho, aprendendo a enfrentar a nossa sociedade".